



POR LUIZ BERSOU,
 BCA - WCS CONSULTORIA
 ✉: LUIZBERSOU@BCACONSULTORIA.COM.BR

O PAPEL DOS EMPRESÁRIOS NA REPÚBLICA

O mercado interno, muito pouco exigente, sempre anestesiou nosso empresário e foi complacente com ele

República, é bom lembrar, consiste em uma forma de organização do que é público com prevalência de uma estrutura de leis, princípios e fundamentos. Há dois exemplos marcantes para analisar, em se tratando dessa forma de organização pública. O primeiro é a República Romana, que durou mais de 400 anos e prosperou com todas as dificuldades de uma sociedade ainda imatura diante de uma imensa expansão territorial e de poder. Quando Roma permitiu a oligarquia como forma de governo, começou a decadência e, daí, chegou ao fim.

Os Estados Unidos, outro exemplo do que seja um Estado Republicano, representam séculos de existência profícua. Nas Cartas Magnas dos Estados Unidos e de seus Estados, a palavra *democracia* não aparece. Será que tudo é perfeito no governo norte-americano? Claro que não. Existem forças ligadas a interesses particulares que sempre se fazem presentes e lutam para fazer prevalecer o que lhes interessa, mas, mesmo assim, a República marcha para a frente firme e forte.

Por sua vez, a América Latina é um território imenso, onde todas as nações foram constituídas a partir de regimes oligárquicos. Neste continente os interesses são confusos e conflitantes, prevalecendo o poder individual do oligarca e de seus parceiros. O povo, a educação e o aspecto econômico, na América Latina, não interessam. Resultado geral: neste local, o sucesso não acontece; nunca se sai da pobreza endêmica.

Especialmente no caso do Brasil, como escreveu Roberto Campos, o país é uma nação que sistematicamente praticou o necessário e suficiente para seguir o caminho do fracasso, e não do sucesso econômico. Complicado afirmar isso, pois as razões são sempre as mais diversas para explicar o processo. Por exemplo, a reserva de mercado imposta para o setor de

informática foi um tiro no pé cujos efeitos perniciosos sentimos até hoje – um tema sempre presente causado por pequenas razões.

Representação empresarial

Depois de estudar e trabalhar nos Estados Unidos, participei da Fiesp/Ciesp na gestão Mario Amato. Já naquela época adotava uma pregação missionária. O papel das entidades representativas não deveria ter prioridade sobre a constituição de direitos e sua proteção. Proteção de reservas de mercado. O papel das entidades deveria ser preponderantemente o de trabalhar para construir a condição competitiva das empresas que representam – empresas de modo geral, porque ser competitivo é mais importante que todos os direitos que possam ser auferidos; passa por cima de todos eles.

Outro tema adotado na pregação missionária: iríamos aprender a ser competitivos pelo caminho da exportação. O mercado interno, muito pouco exigente, sempre anestesiou nosso empresário e foi complacente com ele. Era um lugar onde os incompetentes sempre sobreviveram.

Nesse caminho da exportação, o que interessa é a cadeia de produção e fornecimento. A competitividade está na cadeia, sempre fortemente arraigada nos elos das cadeias de fornecimento – e isso sempre foi assim no mundo todo. A organização dos empresários precisa, então, contemplar também a questão dessas cadeias e de como construir competitividade a partir delas. Algo a copiar, como sempre, de outros países, particularmente, do Japão, que é um caso interessante.

O Brasil e os empresários do momento atual

Mais uma vez se fala em aumento de impostos em um contexto confuso, onde não se sabe quem defende os interesses de quem. Há mecanismos de preservação de poder mantidos a qualquer custo, e neste cenário

questionamos sobre qual é o papel da representação dos empresários.

Lembro-me de quando em Brasília discutíamos com economistas ligados ao governo a condição da indústria. Era uma conversa incrível a partir da qual mostrávamos o mal que pode fazer a ideologia de que o futuro da indústria está na China, e não no Brasil, cabendo a nós não atrapalhar essa caminhada. Além disso, prevalecia a crença de que temos de ser grandes aliados contra o capitalismo predador e que é inútil investir na indústria brasileira.

Tudo isso era dito a portas fechadas, com toda a arrogância e prepotência. Eram como deuses, discutindo nosso futuro a partir de seus escritórios. Com essa tese, deveria ser nosso papel nos transformarmos na grande fazenda abastecedora de alimentos para o mundo todo. Na ocasião, lembrei-me da África em termos de desempenho agrícola. A África está no meio do caminho para nossos clientes da Ásia. Os asiáticos estão investindo na África, pois os marcos regulatórios não atrapalham e, assim, poderemos vir a ter um grande concorrente e mais competitivos do que nós.

A nação brasileira não pode permitir que o PIB industrial conti-

nue caindo como ocorre atualmente. Um país continental como o nosso não pode prescindir de um parque industrial, inclusive com massa crítica proporcional maior do que já teve no passado. Antes, foram os esforços de governo que levaram à construção da base industrial que já tivemos. Praticamente não tivemos capitães da indústria, como aconteceu em outros países.

No sul do País, porém, temos um conglomerado de empresas de diversas profissões, de dimensão internacional, as quais cresceram, partiram para o mercado internacional e se tornaram muito grandes, justamente porque o governo não atrapalhou. Como disse o líder local de um dos partidos políticos, a pequena população das cidades leva a um baixo rendimento eleitoral, e isso faz com que os políticos não atrapalhem os empresários. São a prova viva de que é possível ser empresário bem-sucedido no Brasil.

Mas passado é passado. De agora em diante, dentro do quadro previsível para pelo menos uma década, se os empresários não se estruturaram em termos representativos de forma mais consistente, quem será por eles? ■

Leia na edição de novembro da Revista O Papel Especial ABTCP/2015:

Cobertura completa do Congresso e Exposição:

Reportagens especiais sobre Inovação e Competitividade, Economia e Materiais Bio-inspirados nas áreas de celulose, meio ambiente, recuperação e energia

MÍDIA EXCLUSIVA PARA EXPOSITORES

BOX COMERCIAL NAS OPÇÕES "MÓDULO DESTAQUE" E "MÓDULO STANDARD". APRESENTE OS PRODUTOS E TECNOLOGIAS QUE A SUA EMPRESA MOSTRARÁ NO EVENTO. CONTRATE SEU ESPAÇO ATÉ 13/10/2015.

MÓDULO DESTAQUE

<p>1 Foto do estande no ABTCP 2015 (80 x 50 mm)</p>	<p>3 Logomarca da empresa expositora</p>
<p>2 Dados comerciais: Endereço, telefone, contato, e-mail e endereço na web</p>	<p>4 Nome da empresa expositora</p>
<p>5 Release comercial expondo as qualidades do produto / serviço com texto (formato word) de até 1.000 caracteres.</p>	

Medidas proporcionais à edição impressa

Associado
ABTCP
R\$ 1.385,00
Não associado
R\$ 1.600,00

MÓDULO STANDARD

1. Nome da empresa expositora
2. Release comercial com texto (formato word) de até 500 caracteres
3. Endereço, telefone, contato, e-mail e endereço na web

1
2
3

Medidas proporcionais à edição impressa

Associado
ABTCP
R\$ 905,00
Não associado
R\$ 1.280,00

Contratação de mídias: 03/11/2015 Entrega do anúncio: 05/11/2015

PARA ASSINAR A REVISTA O PAPEL OU ANUNCIAR, FALE COM O RELACIONAMENTO ABTCP

☎: relacionamento@abtcp.org.br / ☎ (11) 3874-2708 / 2714 ou 2733

Edições disponíveis também em formato digital em www.revistaopapeldigital.org.br e para leitura em smartphones e tablet pelo aplicativo "Revista O Papel" nas lojas AppStore e GooglePlay

Anuncie!